

A EXPERIÊNCIA DO DENEGRIR JUNTO A ESTUDANTES DE MODA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

The Experience of Blacken to Fashion Students in High School

Braulio, Wendell Lopes de Azevedo; Mestrando; CEFET-RJ e Ifsuldeminas,
wendell.braulio@ifsuldeminas.edu.br¹

Senra, Alvaro de Oliveira; Doutor; CEFET-RJ, alvarosenra@gmail.com²

Resumo: Neste artigo são tratadas as dificuldades e necessidades de inflexão nas práticas docentes no ensino técnico de produção de Moda após a implementação da Lei 10.639/2003, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Esta experiência se deu através do relato da rotina pedagógica da disciplina Pesquisa e Criação de Imagem de Moda, ministrada por um professor branco e cis.

Palavras chave: Educação, Apropriação Cultural e Afroperspectividade.

Abstract: This article aims to analyze the difficulties and needs of inflection in the teaching practices in the technical teaching of fashion production, after the implementation of Law 10.639 / 2003, which modified National Law of Directives and Bases for Education- LDB. This experience occurred through the report of the pedagogical routine of the discipline Research and Fashion Image Making, given by a white and cis teacher.

Keywords: Education, Cultural Appropriation and Afroperspectividade.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o conceito de denegrir³, exposto pelo Filósofo Renato Nogueira, em seu artigo intitulado *Denegrindo a Filosofia: O Pensamento como Coreografia de Conceitos Afroperspectivistas*, artigo este que é a fonte das reflexões aqui propostas, as quais, por sua vez, culminaram em uma experiência ocorrida na sala de aula do Curso Técnico em

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorraciais (PPRER) no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), Docente efetivo da área de Design de Moda do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - IFSULDEMINAS - Passos.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorraciais (PPRER) no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ).

³ Denegrir: verbo transitivo direto e pronominal Obscurecer ou obscurecer-se; fazer ficar mais negro ou escuro. Reduzir a transparência de; manchar-se. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/denegrir/> - acessado em 27 de maio de 2017.

Produção de Moda Integrado ao Ensino Médio, do IFSULDEMINAS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais), Campus Passos. O presente trabalho se construiu após a provocação de uma estudante do primeiro ano do referido Curso, que integra o coletivo de mulheres negras e o coletivo negro “Sarári Crioulo”, ambos sediados na cidade de Passos – Minas Gerais. Nesse sentido, por mais que não se tenha lançado mão de uma metodologia específica, o exposto aqui é o percurso dessa experiência vivenciada em sala de aula, as decisões daí decorrente e o repensar de algumas práticas docentes.

O ano letivo de 2017

No primeiro dia letivo do ano de 2017, a turma de 1º ano do Curso Técnico em Produção de Moda Integrado ao Ensino Médio era constituída de alunos ingressantes e de alunos que foram retidos do ano anterior. Ingressam a cada ano 35 estudantes, porém a turma em questão era composta por um total de 39 alunos, entre ingressantes e repetentes. 2017 é o segundo ano em que atuo como docente nesta instituição de ensino, na área de Moda. Vale destacar uma percepção obtida durante as reuniões de Conselhos de Classe. O contingente de estudantes negros(as) neste Campus não ultrapassa os 10% (dez por cento) do total de alunos. Porém, durante o último Conselho de Classe do ano de 2016, percebi que o número de alunos(as) negros(as) analisados pelo Conselho de Classe, era de aproximadamente 75%. Logo, acredito que se repetem nesse Instituto, as assimetrias sociais de desigualdade, não por parte da Instituição, mas por ela estar inserida em uma localidade que perpetua esse tipo de desigualdade. Nesse trabalho não há espaço para construir a defesa de tal hipótese, que poderá tornar-se um estudo posterior como expansão desse. Em outras palavras, nessa turma de 1º ano de 2017, o contingente de alunos(as) negros(as) foi acima da média, isso se deu especificamente devido aos(às) alunos(as) repetentes, em sua maioria, negros(as).

O artigo *Denegrindo a Filosofia: O Pensamento como Coreografia de Conceitos Afroperspectivistas* do filósofo Renato Nogueira, que se apresenta

aqui como motivador para a construção de uma proposta que discuta as ações relativas a políticas públicas diz que é:

Importante frisar que as motivações e o campo de problemas estão dentro do horizonte das recomendações das Leis 10.639/2003⁴ e 11.684/2008⁵, ambas já incorporadas à Lei de Diretrizes e Bases da Educação e, por conseguinte, à Constituição Brasileira. A Lei 10.639/03 foi modificada pela Lei 11.645/08 e gerou uma série de esforços e marcos legais que desencadearam as Diretrizes Curriculares Nacionais para Implementação da Educação das Relações Etnorraciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. (NOGUEIRA, 2011, p. 2).

Tomando emprestado o conceito de afroperspectividade e deslocando-o para a Moda, tentarei propor um paralelo entre a Moda e a Filosofia. Alguns (as) autores(as), em sua maioria negros(as), reivindicam uma origem africana para a Filosofia, questionando a sua gênese grega. A perspectiva proposta por Nogueira (2011), indaga essa origem, ele nos diz que é adequado afirmar que todo saber/fazer é local ou sofre uma profunda interferência em sua origem, e toda a produção cultural é historicamente localizada. No caso da Moda, questiono de que forma ela poderia ter um caráter universal, se sua gênese está inscrita numa “gramática” ocidental europeia. Aqui evoco a importância da Lei 10.639/2003 e de se pensar sobre como ocorre o Ensino de Produção de Moda em salas de aula do Ensino Médio. No caso da afroperspectividade, os traçados, as invenções e as criações precisam, num sentido filosófico, serem negros ou, em outros termos, como propõem o autor, torna-se necessário denegrir, escurecer, tornar o pensamento negro e reativar as forças próprias de um devir negro-africano. Esse devir, trazido pelo autor, o entendemos enquanto uma convocação da população negra como um todo, porém sem a exclusão do

⁴ “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar” (BRASIL, LDB, 2003).

⁵ “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar” (BRASIL, LDB, 2008)

branco, que em igual medida, necessitará entrar em um processo de devir negro.

O autor propõe a busca por personagens melanodérmicos:

As personagens conceituais melanodérmicas vão desde griot e bamba até o babalaô, passando pelo malandro, a passista, a popozuda, a mãe de santo, o(a) jogueteiro(a), o jogador de futebol etc.

É importante que fique retinto, para denegrir a [...] *moda*, enegrecer [...] *a construção da moda*, ou, *para* produzir uma [...] *moda* de cor é necessário fazer da [...] *moda* uma coisa de preto. (itálicos meus) (NOGUEIRA, 2011, p. 10).

Entendemos nesse artigo o negro como minoria, não quantitativa, mas de representatividade política e de poder, entendemos que negro, na perspectiva desse artigo, são todos os que estão às margens desses processos de construção identitária através da Moda.

Ambiente da experiência

A disciplina que leciono intitula-se Pesquisa e Criação da Imagem de Moda, que tem como ementa a produção de leituras e criações de textos imagéticos de Moda. Assim como o filósofo Renato Nogueira propõem para a Filosofia, são válidos outros questionamentos para a Moda: Por que a Moda é francesa? Como produzir Moda brasileira sendo as matrizes de lançamento de tendências, em sua maioria, europeias? Como representar graficamente as figuras humanas brasileiras se os cânones são europeus? Segundo o autor, o aprisionamento do pensamento se dá devido aos esquemas clássicos e ele nos propõe a não Filosofia. Parafraseando o autor, proponho a não Moda, uma atemporalidade do estilo, uma mudança radical dos processos, radical no sentido de busca pela raiz, uma arqueologia de nossas memórias e o assumir da necessidade de uma inflexão de nossos ídolos e de nossas ideias de beleza.

Um dos objetivos que me proponho, a partir da disciplina Pesquisa e Criação da Imagem de Moda, junto aos estudantes, é o de desconstruir estereótipos e apontar a existência deles, principalmente os ligados à beleza.

Para cumprir tal objetivo, lancei mão, neste ano, de vídeos de campanhas de marcas de cosméticos e de beleza que têm como público alvo “mulheres reais” e que, de certa forma, desconstroem o imaginário hegemônico de beleza. Muitas das vezes essas marcas apresentam modelos com cicatrizes, *com cabelos crespos*, mulheres carecas, com imperfeições e todo o tipo de diversidade de biótipos⁶. Durante a primeira aula dessa disciplina fui provocado por uma estudante sobre as questões relacionadas ao uso do turbante por mulheres brancas e se esse ato pode ser considerado uma apropriação cultural. Ao ser provocado pela aluna, ocorreu na minha subjetividade uma inflexão, foi como se ela pressionasse um botão de iniciar, para eu começar o exercício de um possível devir negro.

A consistência do plano de imanência está intimamente ligada à imagem do pensamento e aos elementos pré-filosóficos. “Deleuze o definira, previamente, ao mesmo tempo como horizonte e como solo” (PRADO JR., 2000, p.308). Para fins de enegrecimento (aumento da compreensão e do entendimento), o plano de imanência como solo da produção filosófica deve ser considerado como pré-filosófico. Enquanto horizonte, o plano de imanência deve ser tomado como imagem do pensamento. Todo plano de imanência tem natureza pré-filosófica e mantém uma relação inseparável com a não-filosofia, isto é, todo plano de imanência é uma imagem do pensamento. A afroperspectividade é uma imagem do pensamento, uma maneira de estabelecer o “que significa pensar” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.53) e como tal, um modo de reivindicar e selecionar o mais característico do pensamento: criar. (NOGUEIRA, 2011, p.07)

Essa citação de Nogueira (2011) se une a proposta de Boa Ventura Souza Santos e proponho nesse artigo que, assim como Santos (2009, p.32), “empurremos” as linhas abissais e reterritorializemos a Moda a partir de novas vertentes, de novos ou outros modus de operar, pensar uma inflexão do conceito de Moda que é lançada e posteriormente consumida para uma Moda, fruto de uma apropriação, construída a partir de seus usuários, uma subversão no ciclo da Moda e das suas zonas de poder.

Para que essas necessidades apontadas pela estudante pudessem ser supridas, com o mínimo de qualidade, eu percebi que não poderia trabalhar imediatamente em sala de aula, utilizando somente o viés da Moda, pois era

⁶ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=ll0nz0LHbcM> Acessado em 28 de maio de 2017

preciso unir ao assunto a discussão das relações etnicorraciais, foi necessário que eu aprofundasse sobre as questões presentes. A provocação era motivada por um vídeo das redes sociais⁷, onde uma menina branca, que alegava ter câncer e se submetia ao processo de quimioterapia, que em muitos casos acarreta a perda de todo o cabelo, o que a levou a utilizar turbante, como uma forma de minimizar os efeitos estéticos indesejáveis presentes em uma sociedade baseada no consumo, que constrói estereótipos de beleza e perfeição a partir dos grandes veículos de comunicação, como por exemplo a *top model* brasileira Gisele Bündchen, que é tida como padrão de beleza feminina brasileira. A personagem do vídeo alega que teria sido obrigada, por uma mulher negra, a retirar o turbante sob a alegação de apropriação cultural.

Foram necessárias duas semanas para a preparação da aula para discussão da temática e durante esse tempo fui descobrindo casos e fatos que se relacionavam. O vídeo/denúncia, da internauta, gerou uma série de discussões nas redes sociais, blogueiras discutiam o assunto, como a *youtuber* Gabi Oliveira do “Papo De Pretas”⁸. O assunto se multiplicou nas redes, onde a principal pergunta era: Brancas podem ou não usar turbantes? Algumas blogueiras se aventuravam em discutir sobre o conceito de apropriação cultural, que é polêmico, pois a cultura é fluida e plural. Trouxe para a discussão a autora Djamila Ribeiro que diz que:

Uma coisa é a troca, o intercâmbio de culturas, o que é muito positivo. Outra coisa é a apropriação. No nosso país, as culturas foram hierarquizadas, sendo a negra colocada como inferior, exótica. Dentro desse contexto é possível falar em troca? A troca só é possível quando não existem hierarquias. Enquanto terreiros são invadidos, há marcas que acham *cult* colocar modelos brancas representando lemanjá. Esse discurso de que a cultura é humana só é válida quando querem apropriá-la. No momento de considerar a humanidade daqueles que produzem essa cultura, a história é bem diferente. No momento de perceber a necessidade histórica de ser representado e ter posse de sua história, é ignorado. E esse é ponto nevrálgico da nossa crítica em relação à apropriação cultural (RIBEIRO, 2016).

⁷ Ver <http://g1.globo.com/globo-news/estudio-i/videos/v/na-hora-veio-aquela-raiva-diz-jovem-branca-criticada-por-usar-turbante/5658692/> acessado em 28 de maio de 2017.

⁸ Ver https://www.youtube.com/watch?v=oTNC_V6O3QU acessado em 28 de maio de 2017.

Com base no texto: *Apropriação cultural é um problema do sistema, não de indivíduos*, da autora Djamila Ribeiro, eu trabalhei com as alunas o conceito de apropriação cultural como resistência do movimento negro, como uma ferramenta de impedir a invisibilização dessa cultura, o apagamento de suas tradições. Sobre os turbantes, utilizei o texto: *Na Polêmica Sobre Turbantes, é a Branquitude que não quer Assumir seu Racismo*, da autora Ana Maria Gonçalves. Essa pesquisa me colocou em contato com o fato de que a FARM⁹, em 2014, havia sido acusada de racismo por milhares de seguidores em sua rede social (OLIVEIRA, 2017). A alegação era de que essa empresa havia cometido racismo, ao postar em uma de suas redes sociais, uma foto de um *look* com inspiração em lemanjá, que homenageava a população negra, porém a modelo escolhida para tal homenagem era branca, as clientes dessa marca, que em muitos casos, integram o movimento negro, alegaram que a empresa tinha a obrigação de utilizar uma modelo negra para tal homenagem. Em sua resposta a proprietária da empresa tentou se justificar. Este movimento de pressão das clientes negras “obrigou” a FARM a produzir, em 2015, um dos mais belos catálogos de Moda que tenho notícias, somente com modelos negras.

Com esses ingredientes estava preparada a receita para um caldeirão de discussões que eu nunca havia planejado antes em minhas aulas de Design de Moda.

O exercício em sala de aula

Com o texto sobre turbante, da autora Ana Maria Gonçalves, fragmentado em quatro partes, mais o texto sobre apropriação cultural, da autora Djamila Ribeiro e a resposta da proprietária da FARM, tínhamos um total de seis textos menores para trabalharmos em grupos. A turma foi dividida em seis grupos. O critério utilizado para a formação desses grupos foi o seguinte:

⁹ Empresa de Moda carioca que teve início em 1997 na Babilônia Feira Hype (evento que reunia marca de Moda alternativa e jovens estilistas na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de comercialização e publicização de seus produtos). Inaugurou a sua primeira loja em 1999

eles deveriam ter como liderança alunos que se consideravam ou que possuíam consciência do seu pertencimento etnicorracial.

Convidei a aluna que provocou essas discussões a declamar, para a turma, um poema de Nei Lopes para Abdias do Nascimento intitulado Brechtiana:

Primeiro,
Eles usurparam a matemática
A medicina, a arquitetura
A filosofia, a religiosidade, a arte
Dizendo tê-los criado
À sua imagem e semelhança.
Depois,
Eles separaram faraós e pirâmides
Do contexto africano
Pois africanos não seriam capazes
De tanta inventiva e tanto avanço
Não satisfeitos, disseram
Que nossos ancestrais tinham vindo de longe
De uma Ásia estranha
Para invadir a África
Desalojar os autóctones
Bosquimanos e hotentotes.
E escreveram a História ao seu modo.
Chamando nações de “tribos”
Reis de “régulos”
Línguas de “dialetos”.
Aí,
Lançaram a culpa da escravidão
Na ambição das próprias vítimas
E debitaram o racismo
Na nossa pobre conta
Então,
Reservaram para nós
Os lugares mais sórdidos
As ocupações mais degradantes
Os papéis mais sujos
E nos disseram:
-Riam! Dancem! Toquem!
Cantem! Corram! Juguem!
E nós rimos, dançamos, tocamos
Cantamos, corremos, jogamos.
Agora, chega! (LOPES, 2017)

Assim estavam abertos os trabalhos. Com os grupos formados, os alunos fizeram a leitura dos textos, distribuídos previamente para a turma. No final do tempo de leitura foram exibidos dois vídeos de blogueiras negras tratando sobre os assuntos, turbante e apropriação cultural, ao final dos vídeos começamos a discutir sobre os conteúdos trabalhados e abordados.

Abandonar antigos meios e provocar o transe para um outro zeitgeist¹⁰

A primeira pergunta foi proferida por uma aluna branca (aluna A) que perguntou: Professor, se eu for xingada ou for chamada por uma negra de branquela ou branca azeda, isso é racismo? Esta pergunta foi o estopim para que os ânimos dos alunos(as) se exaltassem. Uma aluna negra (aluna B) fez uma intervenção dizendo que isso não era racismo, seguida por uma serie de murmúros de amigas que apoiavam a sua opinião. Perguntei para a aluna B, se ela sabia explicar porque não seria racismo, a aluna disse que não sabia expressar o seu pensamento, mas que sabia que não era racismo. Expus para a turma, que para entendermos o racismo, precisamos entender as relações assimétricas de privilégios entre os brancos e os negros, aonde os brancos são privilegiados em detrimento do desprestígio dos negros e que mesmo ela sofrendo aquela agressão isso não alteraria a sua percepção quanto à falsa verdade de que a pele clara é mais bonita que a pele negra e que quando essa ação acontece, com uma pessoa negra, os estereótipos indesejados, destinados às pessoas negras, são reforçados. A aluna A ficou indignada com o tipo de postura que eu assumi diante da turma. Acredito que ela esperava que pelo fato de nossas peles possuírem tonalidades similares eu iria apoiá-la e defende-la daquela indignação coletiva. Vale ressaltar que este artigo trabalha com a perspectiva de branco como compreendido por Alessandra Pio (PIO, 2016, p. 73), que argumenta que ser branco em nosso país é diferente de sê-lo em outros países, pois no Brasil o tido como branco pode ter pele clara, feições europeias, cabelo liso, porém não o exclui de ter sangue negro.

Ao superarem a timidez de falar em público, muitos alunos(as) começaram a relatar situações de racismo, vivenciados em seus ambientes escolares anteriores a chegada nessa sala de aula, diziam estar achando estranho aquele assunto, pois eles nunca haviam tido a oportunidade de

¹⁰ É o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo. Disponível on-line em <<https://www.significados.com.br/zeitgeist/>> acessado em 28 de maio de 2017.

discuti-lo no ambiente escolar. Duas alunas negras se posicionaram, dizendo que todo mundo diz que não existe racismo, mas existe racismo sim. No término dessa discussão, apresentei para a turma as fotos do catálogo da FARM, da coleção de inverno 2015¹¹, que foi produzido somente com modelos negras e os provoquei se eles comprariam aquelas roupas, se seria um impeditivo para o consumo as roupas estarem sendo exibidas em modelos negras. E a aluna A, que formulou a primeira pergunta, sobre racismo, disse que não conseguia se ver naquelas roupas. Propus para ela e para a turma uma reflexão: se elas conseguiram se imaginar no lugar de uma consumidora negra, que durante a sua vida precisou se imaginar em uma peça de roupa vestida por modelos brancas?

Considerações finais

A discussão sobre relações etnicorraciais demanda um esforço muito grande daqueles que querem construí-la com base nos parâmetros de diversidade propostos pela Lei 10.639/2003, é necessário compreender que o que é “normal” (termo muito utilizado pelos alunos em sala de aula) representa uma pequena fração contida dentro do grande universo da diversidade.

Provocar as discussões sobre relações etnicorraciais, sendo eu um professor branco, exigiu um esforço muito grande na elaboração das propostas de exercícios e um cuidado redobrado com as respostas apresentadas aos alunos, pois em sua grande maioria, eles chegam em sala de aula com estereótipos construídos ao longo de suas trajetórias educacionais e de letamentos etnicorraciais, as suas opiniões, na maior parte, tem como base o senso comum e as construções midiáticas. Como nos adverte Nogueira (2011, p.10) [...] o desafio de trabalhar com personagens conceituais melanodérmicas não é trivial, porque se trata de mergulhar num universo que foi sistematicamente calado pelas forças hegemônicas.

Concluimos que esse exercício só foi possível, naquela sala de aula, devido ao fato de existirem alunos que integram o movimento negro de Passos

¹¹ Disponível on-line em <http://www.geledes.org.br/farm-divulga-colecao-de-inverno-e-reascende-debate-sobre-representacao-da-mulher-negra/> acessado em 28 de maio de 2017.

e seus coletivos, vozes que insistem em se fazer ouvir mesmo diante de pressões e tensões opressoras das forças hegemônicas.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS-Passos) e a Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorraciais (PPRER) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) pelo apoio na realização desta pesquisa.

Referências

PIO, Alessandra. **LEI Nº 10.639/2003: Outra LDB. Outra escola?** em Cadernos da Educação Básica, vol. 1, n. 1, maio 2016. Disponível on-line em <<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/709/618>> acessado em 13 de julho de 2017.

GONÇALVES, Ana Maria. **Na polêmica sobre turbantes, é a branquitude que não quer assumir seu racismo.** Publicado em 15 de Fevereiro de 2017. Disponível on-line em <<https://theintercept.com/2017/02/15/na-polemica-sobre-turbantes-e-a-branquitude-que-nao-quer-assumir-seu-racismo/>> acessado em 28 de maio de 2017.

LOPES, Nei. **Brechtiana (para Abdias Nascimento).** Publicado em 15 de Fevereiro de 2017. Disponível on-line em <<http://www.mariapreta.org/2015/12/brechtiana-para-abdias-nascimento.html>> acessado em 28 de maio de 2017.

OLIVEIRA, Tory. **Matéria: O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural?** Publicado em 18 fevereiro 2017. Disponível on-line em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/turbantes-e-apropriacao-cultural>> acessado em 28 de maio de 2017.

NOGUERA, Renato. **DENEGRINDO A FILOSOFIA: O PENSAMENTO COMO COREOGRAFIA DE CONCEITOS AFROPERSPECTIVISTAS** em Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil, v.4, n.2, dezembro/2011. Disponível on-line em <<https://www2.ufrb.edu.br/griot/2-uncategorised/19-volume-04-numero-02-dezembro2011>> acessado em 13 de julho de 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Apropriação cultural é um problema do sistema, não de indivíduos.** publicado em 05/04/2016. Disponível on-line em

<<http://azmina.com.br/2016/04/apropriacao-cultural-e-um-problema-do-sistema-nao-de-individuos/>> acessado em 13 de março de 2017.

SANTOS, B.S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In: SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (Org). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina; CES, 2009. p. 23-71.